

VOLTA POR CIMA

Fotos: Bruno Peres/CB/D.A Press

Grupo de apoio da Universidade de Brasília auxilia pessoas que sofrem com o transtorno afetivo bipolar a superarem o problema e levarem uma vida normal

» CARLOS TAVARES

Quando o então presidente em exercício, Ulysses Guimarães, desceu a rampa do Palácio do Planalto margeada por dezenas de Dragões da Independência, em uma manhã de 1987, e resolveu apertar a mão dos soldados, um por um, os assessores logo perceberam que o deputado estava entrando em um novo surto de euforia. Eles sabiam também que, mais tarde, quando se trancasse no gabinete para despachar, teria mais uma crise de depressão.

A alternância dos dois tipos de comportamento, observada nesse que foi um dos políticos mais expressivos do país, caracteriza o que hoje a psiquiatria chama de transtorno afetivo bipolar (TB). O problema já foi conhecido como psicose maníaco-depressiva, termo banido dos manuais médicos por conter um grave equívoco: o paciente bipolar não tem psicose. Ulysses Guimarães era uma prova disso, assim como outras pessoas, famosas ou não, que convivem com o transtorno e levam uma vida normal.

Em Brasília, um grupo de portadores de TB, familiares, profissionais de saúde, parentes e amigos mostra que é possível conduzir a vida em sintonia com a superação, a partir do controle dos surtos — por meio de terapias, medicações e troca de experiência. O Apta (sigla para Associação de Pacientes de Transtornos Afetivos) é um grupo de acolhimento que funciona na Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB) uma vez por semana e é baseado no princípio da solidariedade. “Trata-se de um espaço onde as pessoas podem compartilhar seus problemas”, resume a psiquiatra Maria das Graças de Oliveira, uma das fundadoras da entidade.

“No grupo, o que importa é a troca de experiências. Ninguém é obrigado a participar, as pessoas vão às reuniões se quiserem. A ideia é não dar conselhos, mas aprender a ouvir”, explica a professora da UnB. O Apta foi fundado em 2009, por sugestão de um dos membros do grupo, o economista Antônio Carlos Firmino, 64 anos, servidor do Ministério dos Transportes que trouxe para Brasília um modelo existente em São Paulo — a Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Transtornos Afetivos (Abrata).

Segundo Firmino, o bipolar precisa sempre de uma referência, um ponto de apoio além dos remédios e das terapias. “Ouvir faz bem, muito mais do que falar, e a companhia das pessoas é muito importante. Do grupo, levamos um aprendizado para a sociedade, que ainda nos discrimina.” De acordo com ele, o convívio social é tão fundamental quanto seguir as orientações médicas e fazer terapia.

“Nossas vidas serão assim por todo o tempo, mas não quer dizer que somos limitados. Mas temos de tomar cuidado com as crises e procurar sempre a ajuda de um médico. Eu, de minha parte, aprendi a pressentir quando vou entrar em depressão”, ensina o homem que um dia, em um dos surtos de euforia, comprou um casal de coelhos na rua, com 12 fi-



Antônio Carlos já consegue prever quando terá uma crise: “Logo que a pressinto, corro para o médico”



Lúcia Helena não sofre com o transtorno, mas participa das reuniões do Apta: combate ao preconceito

lhoes, e deu à mulher de presente. Foi o bastante para mais um momento doméstico conturbado.

Em outro momento de crise, Firmino, que foi aluno na USP do ex-ministro do Planejamento João Sayad, interrompeu a aula para questionar os argumentos do professor. Na mesma batida, o ex-presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, também professor de economia da USP, foi vítima da desenvoltura excessiva do aluno: “Chamei ele de símio, bem alto, na frente de todo mundo, sem motivo algum”, lembra, rindo. Depois da aula, Eris e Firmino conversaram sobre outras coisas e ficaram amigos.

Ignorância e estigma

A presença da promotora de Justiça Lúcia Helena Barbosa de Oliveira nas reuniões semanais do Apta e nos encontros psicoeducativos, bimestrais, é uma prova do perfil eclético do grupo de acolhimento. Ela não é bipolar, mas se tornou uma referência entre os frequentadores e profissionais da saúde em termos de apoio, diálogo, solidariedade e

participação ativa nos debates sobre a estruturação da entidade. Doutora com tese em direito do consumidor sobre resolução de conflitos judiciais, Lúcia diz que se inspirou em uma agenda feminista e em princípios humanistas em que “o outro seja sempre o centro do diálogo”.

Lúcia Helena afirma que, embora da área jurídica, a sua tese tem tudo a ver com a filosofia do Apta. “Partimos do princípio de que o olhar do outro pode adoecer e pode ser curativo.” Sobre o Apta, a promotora analisa que o grupo é uma alternativa de controle fundamental para os bipolares. “Além das medicações e das terapias, vemos o grupo como a terceira via de apoio psicossocial, e isso é imprescindível.” A promotora conheceu o Apta no ano de sua fundação, ao levar ao grupo uma amiga que tem o transtorno. “Mas ela desistiu e eu continuei”, afirma, sorrindo.

De acordo com a psiquiatra Maria das Graças, um dos objetivos da instituição é combater a ignorância, “que é prima do preconceito”, e levar conhecimento à sociedade sobre o TB. “Quere-

mos desmistificar essa aura dramática da bipolaridade e mostrar que esses transtornos têm tratamento.” Segundo a psiquiatra, o transtorno bipolar é o preço que alguns pagam por se tornarem criativos (leia mais nesta página). “Temos gente brilhante no grupo, de alto valor ético. São pessoas muito especiais que sofrem com o preconceito da sociedade”, destaca a médica.

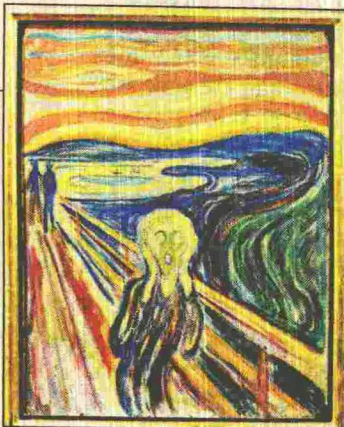
Para Antônio Carlos Firmino, que foi peça fundamental na elaboração da atual Lei dos Portos, o bipolar é muito sensível e tem a desvantagem de ter a maioria das crises em público. “Não tem jeito, se não tratar, se não aprender a pressentir as crises de depressão ou de mania, o indivíduo estará exposto, perde o senso do ridículo e do perigo e põe a vida dele e a dos outros em risco. Mas isso não significa que não se possa, com ajuda, levar uma vida normal”, ensina o economista, que se sente feliz por ter encerrado, com terapias e medicamentos, o ciclo de surtos de euforia e de mania. “Tenho uma depressão leve, e logo que a pressinto, corro para o médico.”

Bipolares geniais

Conheça alguns artistas que, segundo os especialistas, sofriam com o transtorno:

■ O pintor norueguês Edvard Munch (1862-1944), autor da famosa tela *O grito*, temia que uma terapia pudesse extinguir seu poder criativo. “Prefiro continuar sofrendo desses males, porque são parte de mim e de minha arte”, declarou certa vez.

■ O escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849) reclamava que muitas pessoas o caracterizavam como louco, devido a suas crises de bebedeira, depressão e euforia. Então, escreveu certa vez: “Resta saber se a

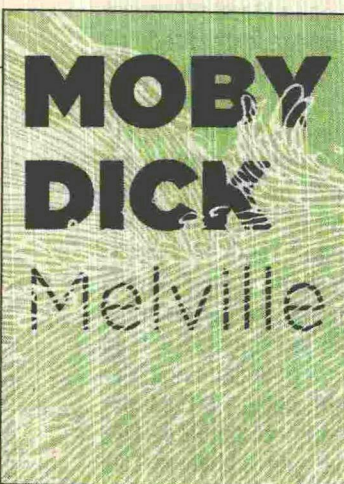


Silvan Lysberg Solum/AP

loucura não representa, talvez, a forma mais elevada de inteligência”.

■ Herman Melville, autor de *Moby Dick*, foi vítima de sua própria obra. Quando a concluiu, em uma fazenda perto de Nova York, apresentou sucessivas crises de depressão e paranoia. Via monstros marinhos e sombras. Mas é em *Bartleby, o escrivão*, que Melville discute o tema da solidão e da depressão.

■ No caso de Beethoven, este alternava períodos de irascibilidade e depressão de acordo com as fases de maior ou menor fluidez criativa. Biógrafos afirmam que interromper o autor alemão



Cosacni/Reprodução

enquanto ele criava era o mesmo que pedir para ser expulso de casa aos gritos.

Marcus Ottoni/CB/D.A Press/Reprodução



■ Fernando Pessoa: até mesmo a criação dos heterônimos pelo poeta português levou especialistas a vincular o gesto com um transtorno de humor. Em casa, Pessoa era famoso por escrever sem parar noite e dia, sem descanso. A pouca necessidade de sono é um dos sintomas do bipolar.

Fator hereditário

O transtorno afetivo bipolar é caracterizado por alterações de humor que se manifestam como episódios depressivos alternando-se com episódios de euforia (também denominados de mania), em diversos graus de intensidade. Pesquisas indicam que pelo menos 1% da população mundial apresenta o distúrbio. Outros estudos mostram que a participação genética no desenvolvimento da doença varia numa faixa de 70% a 80%. Uma morte, uma perda importante sentimental ou um acidente, entre outros episódios, podem ser os gatilhos do TB.

Cromossomos da criatividade

Pesquisadores já demonstraram que há uma ligação direta entre transtorno bipolar e criatividade, porque diversos cromossomos estudados participam do desenvolvimento de distúrbios mentais e de atividades intelectuais. Um dos cientistas que investigaram essa relação é o psiquiatra húngaro Szabolcs Kérem, que se deteve no gene neuregulina 7, responsável por diversos processos cerebrais. A psiquiatra norte-americana Kay Jamison, portadora de TB, esmiuçou a vida de dezenas de celebridades, em diversas áreas do saber, e chegou à mesma conclusão de Kérem.

Kay publicou o livro *Tocados pelo fogo* (Editora Pedra da Lua), em que lista uma série de famosos com o distúrbio e que, ainda assim, foram capazes de grandes realizações. O título da obra é uma referência a Prometeu, mito grego que simboliza a liberdade, a tragédia, as artes e as ciências — aquele que roubou o fogo do Olimpo para dar ao homem a faculdade da inteligência e, por is-

so, foi acorrentado por Zeus em uma pedra para que os abutres comessem o seu fígado.

Genética

A pesquisadora afirma, no entanto, que não há conclusões e que os estudos serão aprofundados. O psiquiatra Valentim Gentil Filho, da Universidade de São Paulo, chama a atenção para o fato de que não existe outra doença com uma participação genética tão forte quanto a bipolaridade — apenas 20% dos casos ocasionados por fatores ambientais e psicossociais.

Ele também pisa nesse terreno com cautela. “Ainda existe pouca pesquisa nesse campo. É preciso aprofundar mais as investigações.” De todo modo, as evidências de que há um vínculo entre o transtorno e a inteligência são irrecusáveis. No livro, Kay Jamison sugere que Beethoven e Virginia Woolf eram bipolares, assim como Charles Chaplin e Churchill (veja quadro). (CT)